

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

NOSSAS RAÍZES CONTAM HISTÓRIAS



Organizadores:

Taiza da Hora Fonseca
Vera Lúcia Cardoso Medeiros
Alessandro Carvalho Bica

unipampa

Universidade Federal do Pampa

MESTRADO ACADÊMICO EM
ENSINO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS BAJO

letras
Português e Literaturas de
Língua Portuguesa

vecher
conhecimento acessível

A obra desenvolvida para compor a capa foi criada pelo artista visual Augusto Sérgio Machado Devincenzi. A montagem foi feita para evocar o sentimento de nostalgia, remetendo a momentos do passado, tendo em vista a temática deste livro. Além disso, a escolha da colagem enquanto recurso principal se deu a partir dos textos escritos pelas autoras, que nos trazem diversos elementos imagéticos na construção de suas narrativas. Sendo assim, a capa remete diretamente às histórias e memórias contadas. As cores selecionadas ensejam a representação do céu materializado no azul e o verde para representar a imensidão dos pampas gaúchos.



Mrs. Annie Balthazar
76 E. Main Street
Herrington, W.



Augusta Duvigneau



Taiza da Hora Fonseca
Vera Lúcia Cardoso Medeiros
Alessandro Carvalho Bica
Organizadores

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

NOSSAS RAÍZES CONTAM HISTÓRIAS



Bagé, 2023

Vecher

Avenida Paulista, 171, 4º andar

CEP 01.311-904

São Paulo, SP

www.vecher.com.br

Os autores e organizadores são responsáveis pelo conteúdo.

ISBN: 978-65-84591-19-6

DOI: 10.47585/memoriasliterarias

Conselho Editorial

Dra. Clarisse Ismério (Urcamp)
Presidenta

Dr. Fábio Steyer (UEPG)

Dra. Lucia Giraffa (PUC-RS)

Dra. Maria Elizia Borges (UFG)

Dr. Márcio Noronha (UFRGS/UFG)

Dr. Daniel Sperb (ATITUS)

Dra. Fernanda Pedrazzi (UFSM)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

M533 Memórias literárias : nossas raízes contam histórias
[recurso eletrônico] / organizadores Taiza da Hora
Fonseca, Vera Lúcia Cardoso Medeiros e Alessandro
Carvalho Bica. — Bagé : Vecher, 2023.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-84591-19-6

1. Literatura brasileira - Biobibliografia.
2. Literatura brasileira - História e crítica. I. Fonseca,
Taiza da Hora. II. Medeiros, Vera Lúcia Cardoso.
III. Bica, Alessandro Carvalho. IV. Título.

CDD23: B869.09

MEMÓRIAS LITERÁRIAS
NOSSAS RAÍZES CONTAM HISTÓRIAS
(1ª edição)

Design da capa: Augusto Sérgio Machado Devincenzi

Projeto: Vecher EduCom

Edição e revisão geral: Taiza da Hora Fonseca

Redação: Bianca Mendonça Rubilar, Eduarda Cunha Gazen Manzke,
Ester Mariceli Alves, Flávia Machado Franco, Gabriéli Ritta Oliveira, Iasmin
Soares Trindade, Isabelle Vitor Pim e Jéssica Vitória Pinto Robledo

Revisão: Taiza da Hora Fonseca, Matheus Rodrigues dos Santos, Vera
Lúcia Cardoso Medeiros e Alessandro Carvalho Bica

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> Somos constituídos de histórias e memórias <i>Taiza da Hora Fonseca</i>	9
O reencontro de outras vidas <i>Bianca Mendonça Rubilar</i>	11
Alecrim dourado <i>Eduarda Cunha Gazen Manzke</i>	15
Um lugar todinho meu <i>Ester Mariceli Alves</i>	19
O boliche <i>Flávia Machado Franco</i>	24
A infância sem infância <i>Gabriéli Ritta Oliveira</i>	27
Bem e tu? <i>Iasmin Soares Trindade</i>	31
Amigo <i>Isabelle Vitor Pim</i>	35
Os jogos que marcaram a minha história <i>Jéssica Vitória Pinto Robledo</i>	38
Organizadores	43
Sobre as autoras	45

Apresentação

Somos constituídos de histórias e memórias

Somos constituídos de histórias e memórias que não só nos formam enquanto seres humanos como nos humanizam. Crescemos nos conectando a nossos familiares e amigos, ouvindo suas aventuras, angústias, tristezas e alegrias, assim conhecendo sobre nossa própria regionalidade, sobre a terra, os bichos e as águas que correm em nossa região. A partir disso, formamos nossa identidade, que se constitui a partir de retalhos de memória daqueles que foram e que estão, e assim fazemos parte do outro, existindo em uma troca constante de saberes, vivências, experiências e, sobretudo, afetos.

Somos o que somos porque os nossos foram também e assim faremos parte daqueles que estão por vir, em um ciclo afetoso que não tem fim.

E foi pensando nisso que, durante as minhas aulas na prática de Estágio de Docência Orientada do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, desenvolvido no curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na mesma instituição, no componente curricular Práticas de Ensino de Literatura da professora Vera Lúcia Cardoso Medeiros, propus trabalhar com dois temas: Memória e Memórias Literárias.

Segundo Le Goff (1996)¹, o estudo da memória se atém ao sujeito/ indivíduo e o modo como ele se relaciona com o seu passado. O que se desdobra a cada instante em percepção e em lembrança na totalidade do

¹ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996

que vemos, ouvimos, vivenciamos, tudo o que somos com tudo o que nos envolve. O gênero Memórias Literárias, apesar de novo no Brasil, já é difundido dentro da prática escolar, sendo caracterizado como uma narrativa fundamentada na experiência e investigação do "eu", assentada na compreensão da memória primeiramente como patrimônio da cultura, isto é, a compreensão das memórias na história da formação do sujeito, enquanto ser histórico, social e, ao mesmo tempo, indivíduo particular.

Portanto, neste livro, caro leitor, você encontrará oito textos de discentes da turma em que desenvolvi meu estágio e que foram desafiados a escrever memórias familiares em forma literária a partir da leitura e discussão sobre duas obras: o livro **Contos sem fadas**, organizado por Rosina Duarte, e o filme **Senhora de si**, dirigido por Lúcia Achutti. O livro foi construído a partir das memórias de um grupo de mulheres, moradoras da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, que durante anos reunia-se para trocar experiências e histórias. O filme, concebido a partir do livro, dá voz e corpo a essas mulheres.

Em **Memórias literárias. Nossas raízes contam histórias**, encontramos relatos de um outro grupo, este formado por oito jovens mulheres que se dispuseram a vasculhar as suas próprias memórias. Lá reencontraram-se com partes - retalhos - do que hoje são, transformadas em histórias e lembranças de outros tempos que demarcam o lugar social da mulher, a resiliência e perseverança em busca dos sonhos, marcas de diversas regionalidades, as relações de mãe, avó e filha, trabalho infantil, aspectos culturais, sociais, de gênero e classe. Tais narrativas se tocam em pontos em comum: a sensibilidade das escritoras em ouvir histórias da família e transformá-las de forma poética em texto.

Esperamos que encontrem nesse livro o alento, a inquietação e a saudade de suas próprias histórias, de sentar e ouvir o outro, conhecendo quem foram e quem são. Assim, conhecemos a nós mesmos.

Boa leitura,

Taiza da Hora Fonseca

O reencontro de outras vidas

Bianca Mendonça Rubilar

Há 18 anos, Mirela trabalhava na Casa da Menina de Bagé, funcionária do turno da tarde, assídua, comprometida, amorosa e amiga de todos(as) que a rodeavam. Em uma tarde fria de inverno chega à casa juntamente com o Conselho Tutelar uma menina de 13 anos e sua bebê de apenas 6 meses enrolada em uma coberta, ela era tão linda e tão pequena e ao mesmo tempo de uma personalidade tão forte, chamava-se Bianca.

Bianca se desenvolvia bem. Passaram-se pouco mais de duas semanas e em um desses dias a mãe de Bianca decidiu fugir da casa, a deixando para trás, indo em busca da sua “felicidade”. A criança chorava tanto que era impossível mensurar ou descrever, pouca coisa a acalmava, essa coisa pode ser descrita enquanto uma pessoa, a Mirela.

A partir do dia da fuga, Bianca só dormia, brincava e se alimentava com Mirela, a funcionária da casa, quando ela não estava no seu horário de serviço, era um caos, a bebê

chorava muito; Bianca e Mirela tinham um amor incomum! Aos finais de semana, as crianças e adolescentes que residiam na casa e que tinham familiares “padrinhos”, saíam para passear, retornando todas ao final da tarde de domingo, acompanhadas de seus padrinhos.

Bianca sempre ficava na casa (até os 9 meses), pois, seus pais, tias(os) e primas(os) não a buscavam, conforme semana ia passando, chegando ao final, Mirela ficava aflita em deixar Bianca, e num vai e vem de dias, semanas e meses ela decidiu apadrinhar a bebê, levando para a sua casa, onde além dela moravam: sua mãe (Maria Mendonça Rubilar), seu pai (Noel Augusto Lima Rubilar) e seu irmão (Diego Mendonça Rubilar). Todos adoraram a visita!

E os finais de semana já não eram mais os mesmos, foram se tornando mais coloridos, para Bianca e a família de Mirela.

Estava tudo indo bem, até que um dia, nesse meio tempo de ano, a guarda provisória de Bianca tinha sido passada para Dona I.H, mãe de C. H, na época namorado de Dienielen Araújo, mãe de Bianca. E assim foi feito, ela levou a bebê embora, amparada por lei. Todos ficaram arrasados (mal sabiam que esse seria o primeiro problema, que se perdurou por longos 11 anos).

Mirela e Maria não desistiram de Bianca, queriam pelo menos vê-la e assim foram em busca da criança, elas só tinham em mãos um papel com o nome da mulher que a pegou e algumas informações de onde supostamente moravam, além de algumas características da casa e da pessoa. Andaram, andaram, andaram longas ruas pelo bairro Passo das Pedras em Bagé, procuraram e não encontraram a criança, exaustas, decidiram naquele momento cessar as buscas, escolheram o “melhor” caminho para retornarem a sua casa, e no meio do

deplorável retorno, atalhando em uma rua e outra ecoa uma frase repetida: “Tia Milela, tia Milela”.

Elas se olham, (sem acreditar e por uma fração de segundos achando ser delírio) e Mirela exclama:

- “É a voz da Bianca, é a Bianca, mãe, achamos!”

Em uma casa bem simples e em condições análogas a abandono encontrava-se Bianca, elas foram logo ao encontro dela e das pessoas que estavam com ela, pediram para levá-la, nenhuma contradição e ainda afirmaram: “Pode levar, não tenho condições de criar ela, aqui a gente passa até fome”, e mais que rápido foi entregue a Mirela, Bianca de um ano e seis meses e uma sacola com uma muda de roupa.

Ali a família cresceu a família, 99% foi de acordo e adoraram a ideia de ter uma nova integrante, apenas o pai que não achava correta a atitude de Maria e Mirela:

- “Ela é muito bonita, criança sadia, querida, mas... criar filho dos outros, não acho correto” Eis um problema, mas a dupla não desistiu novamente...

Assim foi, se passaram os meses e Noel mudou de ideia, de pensamento, seu coração foi amolecendo.

A partir daí nunca mais foram separados, mesmo tendo incontáveis tentativas Maria não desistiu, foi em busca dos direitos de Bianca. Audiências, consultoria com advogados, psicólogos... Longos 11 anos na justiça para sair a deferida guarda definitiva e posteriormente a adoção, ficou para trás a Bianca Borges de Araújo e nasceu com 12 anos de idade a Bianca Mendonça Rubilar. A família de 4 pessoas, se transformou em quinteto, um casal e um trio de filhos.

A Bianca que vos fala, agora com 20 anos de idade, carrega tristezas e sofrimentos causados desde a gestação da sua mãe, no entanto carrega felicidade e gratidão pelas pessoas que

lhe estenderam a mão. Ela demorou muito para entender porque tudo aconteceu como aconteceu, mas entendeu e a vida ficou bem melhor depois disso, ainda melhor.

Alecrim dourado

Eduarda Cunha Gazen Manzke

A avó chamou Fernanda e Mariana no quarto para dar uma de suas importantes declarações, como uma rainha que preparava um pronunciamento.

- Por que vocês não trocam? - anunciou a rainha.

- Trocam de que, vó?

Ela olhou as duas netas com curiosidade e esperteza. Com uma certeza, uma confiança todas suas.

- De namorado - disse ela, com um aceno de mão.

As primas se olharam. Uma imaginando o namorado da outra. E sorriram, trocando aquele olhar de cumplicidade que as acompanharia a vida toda.

- Não dá, vó. A gente não gosta deles. A gente gosta dos nossos. - Disse Mariana.

A vó não deu bola para a argumentação.

- Mas o dela - a vó apontou para Fernanda - é muito velho pra ela e o teu é muito novo pra ti. Daí vocês trocam.

Apesar da insistência da avó, não trocaram. Na verdade, Mariana trocaria o seu, por outros. Mas Fernanda era persistente.

Fernanda tinha apreço pelo que considerava seu. Conheceu o namorado no ônibus entre a Coxilha Verde e São Sepé, seu nome era Miguel. Na época, ele namorava uma parenta de Fernanda odiada com todas as forças. Mas pra quem acredita em destino, o que tiver de ser será. E assim foi. Começaram a namorar em um banco de praça em um dia que poderíamos descrever como bonito ou feio, calor ou frio, nublado ou ensolarado, mas o que importa de verdade é a perspectiva dos dois. E eles sentiram que foi o dia mais bonito do ano.

Havia um bar ao lado da casa dos pais de Mariana que ninguém tinha permissão para frequentar. Mas tinham permissão para ficar na garagem e da garagem ouviam a música, viam as cores, observavam o movimento do bar como se a garagem fosse a extensão natural da juventude. Miguel e Fernanda se encontravam lá. Ela morava com Mariana durante a semana para estudar, ele trabalhava.

Namoraram por muitos anos. Por essa época, Fernanda deixou de estudar e voltou para a Coxilha Verde com os pais. Trocavam muitas cartas. Ela levantava cedo e levava um pacote envolto em fita adesiva com as várias páginas de escritos, carregando com cuidado aquele embrulho tão íntimo e tão importante. Deixava o pacote com o motorista que levava as cartas para a cidade. Horas depois, ela esperava na estrada pelo momento em que o ônibus voltava e jogava pela janela a carta de Miguel.

Um dia, Miguel passou em um concurso em Bagé. Decidiram se casar. Começava então uma outra fase na vida dos dois. Casaram-se na igreja matriz em São Sepé, em uma grande

festa. Mariana foi madrinha, e ainda não sabia, mas seu futuro marido também foi ao casamento, sem que nenhum deles soubesse o que o futuro tinha para oferecer.

No dia do casamento, Fernanda era a noiva mais feliz, mais cansada e também a mais sofrida da cidade. Antes da festa, foi ao salão fazer o cabelo e ficou esquecida lá, correndo atrás de táxis, de buquês perdidos e de cachorros que não podiam pisar em seu vestido. Na festa, uma alegria imensa: a vida adulta ganhava um outro contorno, uma nova perspectiva. Ela seria a senhora de sua vida. Depois da festa, uma enxurrada de lágrimas pela vida que deixava para trás, pela saudade antecipada da prima, pela perda da vida em comum com os pais, pela perspectiva da imensidão do mundo que ela ainda tinha pra conhecer.

O começo foi difícil como os começos normalmente são. Veio morar na EMBRAPA, em Bagé, de carona com o tio, a prima Mariana e o irmão dela. Naquele dia, o irmão de Mariana sugeriu que a irmã fosse morar ali, sem saber que fazia uma promessa para o futuro.

Fernanda chorava todos os dias. Não tinham, no começo, cama e dormiam num colchão no chão. Ela pegou a pior gripe da vida. Tudo era difícil. Para falar com a família precisava da telefonista para ligar para Fernanda e saber notícias. Uma visita dependia do ônibus até São Sepé e mesmo fazer compras era um sacrifício. Fazia frio demais, o campo era aberto demais, a distância parecia que apertava demais. A gente faz sacrifícios na vida para ter algo que podemos chamar de nosso e às vezes tudo dói.

Mas se a vida era difícil, havia vontade de viver. As coisas caíam em seus lugares como haviam de ser. Mariana casou-se e veio morar perto de Fernanda. As duas puderam criar os filhos uma ao lado da outra, cantando para eles “alecrim, alecrim

dourado, que nasceu no campo sem ser semeado”, estreitando um laço que também deve ser coisa de destino.

Fernanda lutou a vida toda para proteger aquilo que considerava seu. Sempre quis ter os pais perto. Quando a mãe e o pai adoeceram, conseguiu convencê-los a viver com ela. Comprou e reformou uma casa na cidade para onde se mudou. Dedicou todo seu tempo a eles. Pouco depois, perdeu a mãe momentos antes de Miguel também perder sua mãe, em uma dessas coincidências difíceis, impossíveis de racionalizar, que doem como um soco.

Hoje, ela sente muito a falta da mãe. Tem também às vezes saudade do pai, que com a doença deixou de ser quem ela conhecia e tornou-se outra pessoa. Mas tem Miguel, tem Mariana, tem o filho e os afilhados. Construiu para si uma vida e uma rede de pessoas que a amam, bem longe de onde saiu. E tem esperança de dias melhores.

Um lugar todinho meu

Ester Mariceli Alves

*Tô indo agora prum lugar todinho meu
Quero uma rede preguiçosa pra deitar...*

A música começou a tocar no *Spotify* enquanto Marcela desmanchava uma carreira do tapete de crochê que estava tecendo. Sentada confortavelmente em sua poltrona, com uma xícara de café ao lado e os pés descansando num banquinho de madeira, de repente foi transportada para outra época; uma época em que Roberta Miranda cantava para ela através de um radinho na casa do patrão.

Marcela tinha dezoito anos quando saiu de Caçapava de carona, rumo à Porto Alegre. Duas noites atrás, quando estava chegando do Técnico em Contabilidade, o pai não a deixou entrar em casa. Não era a primeira vez que acontecia. Seu Luíz a chamava de puta, de vagabunda, falava que não criou filha para andar de noite pela rua; enquanto ele

esbravejava, Marcela conseguia ouvir o choro baixinho da mãe ao seu lado, com medo demais de se intrometer e apanhar de novo. Aquela foi mais uma noite em que ela dormiu no pátio de casa, sem poder entrar, apenas agradecendo pelos irmãos mais novos não estarem com ela dessa vez. Mas, minutos antes de adentrar o reino de Morfeu, encostada na laranjeira dos fundos da casa, tomou uma decisão.

Na manhã seguinte, acordou cedinho. A porta estava aberta. Entrou se sentindo vazia em casa, andou até a sala e, sem medo, disse ao pai:

- Vou *pra* Porto Alegre trabalhar na casa da Dona Rúbia. - e saiu.

Naquela tarde, Seu Luíz comprou uma calça jeans e um cinto transparente para Marcela. Ela vestiu a roupa e sentiu-se abraçada pelo pai depois de muito tempo, sem saber que meses depois pagaria caro por aquele presente. Despediu-se da mãe prometendo dar notícias, abraçou os irmãos mais novos e entrou no carro.

Deixou para trás a mãe, os irmãos e o pai alcoólatra, o curso técnico que era sua esperança para o futuro, a perspectiva de estudar - e como ela gostava de estudar! - e Caçapava, a cidade que ela amava. Guardou tudo num cantinho do coração e abriu espaço para o que viria a seguir.

Chegando na cidade grande, Marcela foi recebida pela patroa na rodoviária, e em pouco tempo estava na casa que seria seu local de trabalho. Mal guardou suas coisas e já começou a preparar a janta. No início foi difícil se adaptar aos costumes da família, pois estava acostumada a cozinhar com pouco, poupando os ingredientes. Lá não era assim, quanto mais, melhor, e se sobrasse era só jogar fora.

Naqueles anos ela aprendeu a andar de escada rolante,

perdeu o medo de elevador e entendeu que a vida do pobre pouco valia para o rico.

Não tinha para onde ir ou dinheiro para pegar o metrô pois todo seu salário era mandado para Caçapava para que a mãe comprasse comida. Sendo assim, por muito tempo o mundo de Marcela foi o quartinho de empregada nos fundos da casa e os cômodos que frequentava apenas para limpar e cozinhar. Um dos poucos luxos que tinha era a TV branca de dez polegadas que o patrão colocava em seu quarto quando não estava usando, lá ela conseguia assistir novela pouco antes de dormir. Além disso, tinha o rádio...

Ah, o rádio! Aquele era o grande amante de Marcela! Quando a família saía para passear e ela finalmente ficava sozinha em casa, sintonizava o pequeno radinho de bolso na Continental FM e ouvia seus músicos favoritos. Embalada pelo Trio Parada Dura, por Rony Cardoso e por Roberta Miranda, ela aproveitava os momentos de solidão e quase-liberdade para passar a roupa sem pressa, tirar o pó com delicadeza e limpar os vidros cantarolando.

Sempre gostou de trabalhar como doméstica, via beleza em cuidar, limpar, manter a organização, entrar na cozinha e sentir o cheiro de um carreteiro bem temperado. Às vezes, a revolta pela maneira como era tratada apagava o charme dessas coisas, mas naqueles momentos, ouvindo música boa e dançando pela casa, seu coração se enchia de maravilhamento pela profissão.

Porém, tinham momentos ruins. As humilhações. As vezes em que precisava comer num prato separado porque o patrão não queria usar as mesmas louças que a empregada, em que ficou tão revoltada que cuspiu sem dó no molho das panquecas, em que via sua tvzinha 10 polegadas ser levada embora e, de repente, o

quartinho nos fundos da casa parecia uma prisão. Nessas horas, Marcela lembrava que não tinha casa, que não tinha ninguém por ela em Porto Alegre e, aos pouquinhos, foi nascendo em seu coração o sonho de ter *um lugar todinho seu*.

Esse sonho cresceu, cresceu, cresceu, e só começou a se realizar quando Marcela conheceu Felipe, um jovem trabalhador que era meio aparentado de uns parentes seus. Enfim, coisa de gente que vem da campanha. O que importa é que eles se conheceram. E se apaixonaram. E trabalharam, trabalharam, trabalharam e, por fim, se casaram.

O jovem casal se mudou para Caçapava, onde Felipe trabalhou na mineradora da Mina. Foi uma época boa, na qual eles tiveram os dois primeiros filhos e uma casinha geminada gostosa de se viver. Marcela estava feliz, mas quando a empresa de minério fechou e eles precisaram ir embora, ela lembrou-se novamente de que aquela casa nunca fora sua. Bateu o pé, conversou com o marido, juntaram todas as economias e compraram uma casinha verde na entrada de um bairro chamado Ivo Ferronato, em Bagé.

A casa era pequena, tinha dois quartos, era meio *quenca*, mas era deles. Quando passou pelo portãozinho de madeira com os dois filhos pequenos a seguindo e o marido ao lado, Marcela parou e respirou fundo o ar cheio de poeira que um carro havia levantado ao passar. Não sabia o que ainda ia enfrentar, não sabia que Felipe ficaria dois anos desempregado e recorreria ao álcool para afogar o desespero ou que ela cuidaria praticamente sozinha dos filhos durante esse período, que a comida seria pouca, que às vezes seria difícil comprar leite e que acabariam deixando a casa de Bagé, se mudando para a Coxilha das Flores e, somente doze anos depois, após conquistar a tão sonhada aposentadoria, retornaria ao Ivo Ferronato.

Marcela não sabia nada disso.

Só sabia que aquele teto era seu, aquela rua empoeirada era a sua rua. Independente do que a vida lhe reservasse, ela comeria no prato que bem entendesse, seu mundo seria maior do que um quartinho nos fundos da casa, e ela cantaria e dançaria pela sala sempre que quisesse. Agora, Marcela tinha um endereço, e em breve conseguiria seu próprio radinho a pilhas.

Em minha volta, sinfonia de pardais

Cantando para a majestade, o sabiá!

O boliche

Flávia Machado Franco

Por muitos anos, não sei exatamente quantos, existiu um boliche - sim, um boliche com “e” e não bolicho, era assim que chamavam - do lado da casa da minha vó.

Não sei onde a história do boliche começa, não sei sua origem, não sei a maioria das coisas que aquelas paredes já viram, não sei das águas que cobriram o chão durante as enchentes, não sei desde quando as mesas de metal com estampa de marca de cerveja estavam lá, não sei quando o enorme quadro de Iemanjá saiu da cozinha e foi para cima da lareira ou quando a bancada foi construída. A maioria dessas coisas aconteceram antes de eu surgir nesse mundo, a maioria das memórias desapareceram junto com aqueles que foram embora.

Ou talvez, ainda estejam lá, todos eles e suas lembranças em rodas de samba, bebendo cerveja ou canha, era quase sempre a famosa canha.

Tudo o que eu tenho são trechos, pequenos retalhos de relatos que ouvi aqui e ali da minha mãe, das minhas tias ou da minha vó que muito mais tempo passaram ali do que eu. São pequenos casos, alguns fatos, detalhes largados em meio de conversas.

Sempre quis saber mais, sobre tudo e todas as coisas que aconteceram por lá. Queria saber mais sobre as festas, sobre os churrascos, sobre o dia a dia e todas as noites, sobre o marido da dona do boliche que morreu antes que eu o conhecesse mas tantas menções ouvi.

Minha mãe fala dessas coisas com tanto carinho. Várias vezes ouvi que quando ela era criança, ela ficava no balcão do boliche atendendo e com os donos do bar aprendeu a fazer troco, nunca vi alguém fazer essas contas tão rápido quanto ela. Ela diz que se hoje ela é a atendente que é foi graças aos donos do boliche.

Ela me disse também que na época que ainda era pequena, lá nos anos 80 e 90, muitas pessoas tinham nojo dos coletores de lixo, se recusavam a atendê-los. Entretanto, os donos do bar esperavam o caminhão do lixo passar com lanche para entregar para eles.

Além disso, tenho minhas próprias memórias do boliche. Não são tantas, não aconteci tanto tempo lá quanto minha mãe e minhas tias. Porém, são memórias bastante queridas para mim.

Lembro que eu tinha medo do homem que entregava mortadela (sem motivo qualquer), lembro do homem que entregava pão, do que entregava leite e chegava de carroça. Lembro de brincar de Power Rangers com as outras crianças que viviam por ali também. Lembro dos jogos de pife dentro da cozinha no meio da noite. Lembro dos apelidos daqueles que lá frequentavam.

Lembro principalmente do dia que estavam todos dentro do boliche, eu sentada no colo do meu avô me engasguei com uma bala, uma bala comum de uva, eu não devia ter mais que cinco anos. Lembro de todos ficarem apavorados, correram para fora, eu pendurada nos braços de alguém, outra pessoa foi chamar minha vó que veio desesperada e conseguiu me desengasgar.

Lembro dos cinamomos que ficavam lá na frente, assim como lembro de juntar as tampinhas das garrafas, o que me lembra dos refrigerantes em garrafas retornáveis.

Queria lembrar mais. Queria saber mais.

A infância sem infância

Gabriéli Ritta Oliveira

Em meados do ano de 1970, uma época em que era comum encontrar mão de obra infantil, havia uma menina, de família humilde, pai falecido e irmãos pequenos.

Com apenas 10 anos ela encarou a triste realidade da vida, precisou trabalhar e largar os estudos. Acordava às 5h da manhã para ir ao serviço, lá ela realizava as tarefas domésticas: efetuava a limpeza da casa, preparava o café da manhã e a janta.

Quando a noite chegava, ela se preparava para retornar à sua casa, chegando lá, ela preparava a janta para seus irmãos, o mais novo a dissera:

- Mãe, podes me servir um prato de comida?

Era assim que ela era chamada por seus irmãos.

No outro dia, os mesmos afazeres se repetiam, e foi assim, dia após dia, durante anos, sofrendo nas mãos

de padrões autoritários, e se igualando cada vez mais ao trabalho escravo infantil.

Na sua infância, ela nunca havia ganhado brinquedos, sempre desejou uma boneca, mas não a teve. Em todas as páscoas, ela fazia os mesmos procedimentos: colocava um par de chinelos na janela. Maria havia ouvido que se colocasse um par de chinelos na janela, quando acordasse, haveria um ovo de chocolate no lugar, contudo, toda vez, o par de chinelos continuava na janela, e dos olhos da menina caíam lágrimas de tristeza por não haver nenhum pedacinho de chocolate para amenizar o gosto amargo da vida.

Um dos momentos mais felizes, senão o único presenciado em sua juventude triste, foi quando em um dia qualquer, ela ganhou de seu padrasto uma gansa, ela a nomeio de “Chiquinha”. Neste tempo ela morava perto da ponte alta, conhecida como paredão. Quando ganhou a gansa Chiquinha, Maria a levava todos os dias no mesmo horário a pastar.

Em um dia qualquer, ao ir buscar a Chiquinha, Maria levou um grande susto: a gansa havia colocado um ovo enorme, seu primeiro ovo e desde então, entusiasmada, Maria iria todos os dias recolher o ovo de sua gansa. Esse animalzinho já havia se tornado parte da família e melhor amiga de Maria, sua única amiga, na verdade.

Um certo dia, Maria levou Chiquinha a pastar, quando deu as costas à gansa, questão de dois minutos, o animalzinho já não estava mais lá. Maria procurou por toda a vizinhança e não a encontrou, talvez alguém tenha a roubado, ou um cachorro a devorado, havia muitos ali, todavia, ela nunca descobriu o verdadeiro motivo do sumiço da gansa.

Com os passar dos anos, aos 16 anos, ela conheceu um rapaz, engraçado pensar que antes de conhecê-lo, ela era muita amiga de sua mãe e nunca o havia visto. Isso porque, assim como ela, desde pequeno esse rapaz precisou trabalhar e ajudar sua família, ele viajava o Rio Grande do Sul inteiro ao lado de seu pai, o ajudando nas tarefas de servente de pedreiro, deixando de viver sua juventude para sujar-se de cimento, afinal, para ele não havia outra escolha, ou outro caminho a seguir.

Certo dia os dois se encontraram e começaram a se relacionar, um tempo depois tiveram seu primeiro filho e posteriormente, o casal ganhou um terreno do pai de Glênio, onde construíram sua morada e tiveram mais um filho.

Elaine e Glênio continuaram nas mesmas profissões, mesmo ganhando pouco, eles sempre fizeram de tudo para que seus filhos tivessem as oportunidades que nunca tiveram, a infância que nunca tiveram, contudo, ambos os filhos não quiseram terminar os estudos, não gostavam de estudar, mas pelo menos se tornaram pessoas honestas e sempre dispostos a ajudar a sua família.

Dez anos depois, nasce um novo membro da família.

-Qual será o nome dela? Pergunta a enfermeira.

-Gabriéli. Responde Elaine.

Com tudo que o casal havia passado e os aprendizados que obtiveram no caminho de sua jornada, e pelo seus outros dois filhos não terem tido interesse nos estudos, o casal se dedicou ainda mais com a terceira e última filha, sempre a

incentivando aos estudos e cobrando notas altas em todas as matérias. Enfim, até que deu certo, pois atualmente a filha mais nova se tornará a primeira da família de ambos a ter um diploma de ensino superior.

Bem e tu?

Iasmin Soares Trindade

- Eu posso fazer? - eu disse enquanto via minha mãe organizar as coisas na bancada para o nosso almoço - Enquanto a senhora fica servindo o mate.

- Se tu quiser.

É normal que esse tipo de coisa aconteça em nosso dia a dia, embora nunca tenhamos realmente almoçado ao meio-dia. São estes momentos que me permitem escutar um pouco de seu passado, as histórias de nossa família.

Às vezes me pego pensando nas histórias que ela já me contou enquanto estamos assim, sobre a sua infância, situações de serviço e das amizades que cultivou durante os anos. Penso que não tenha sido fácil trabalhar tantos anos em casas de família, nas vezes disse que se apagava demais às crianças que cuidava, que tinha patroas e patrões muito chatos para a comida, que eram variedades e mais variedades do que devia cozinhar ou dos dias específicos que deveriam ter x-comida.

Lembro claramente do dia em que contou que ela e sua amiga estavam tentando aprender andar de bicicleta agarradas a uma parede sem sair muito do lugar, bom ficou só no tentar até hoje não sabe, mas seus olhos brilhavam levemente por algumas lágrimas, não sei se pelo carinho, a memória ou talvez por tristeza de não ser tão próxima assim dessa amiga ou ambas as coisas.

Acho que as memórias que mais lhe doem são as relacionadas a sua avó e seu avô, mas doem de saudade por eles não estares mais aqui. Conta como a proximidade com seu avô era forte, no tempo em que estava vivo e o teve por perto, da forma como sentavam juntos quando ele voltava de fora, de como a chamava e como se portavam juntos. O tempo com a Vó Gelça (Gelcia) foi mais longo até mesmo eu cheguei a conhecê-la, a casa, o pátio e o costume de às vezes entregar um ou dois pilas escondidos.

- Quando eu morava no galpãozinho, aquele que tu conheceu, com as gurias não tínhamos muita coisa, mas tu já conheceu ele pequeno e ficava lá só pra guardar a moto do teu dindo. Era eu e as tuas tias dormindo tudo junto.

- Mas era ruim morar lá com a vó, nos fundos da casa dela? - eu gosto de escutar quando ela falava sobre quando morava lá, tento completar com o que consegui conhecer e com que eu lembro daquele lugar. Quando eu conheci era um galpão de madeira revestido daquelas latas de óleo, estavam mais do que enferrujadas já nessa época, tinha uma janela e uma porta e acho que não passava de dos três metros quadrados, até menos, e um teto baixo.

- A vó não era fácil - ela sempre disse isso, mas nem uma das pessoas dessa família é - as coisas eram como ela queria, e quando as gurias inventaram de fazer bagunça. Bah, o banho no tanque então. Colocar elas dentro daquele tanque, a

água gelada, porque naquela época não tinha chuveiro na casa da tua vó, e não era nada barato, e tu sabe que a vó não usava o chuveiro depois que tinha.

- Quando eu tinha que sair pra trabalhar e tinha que deixar ela com a vó, a Paula era a favorita, a Paulinha - embora as minhas tias gêmeas, Ana Paula e Paula Giovana, tivessem Paula no nome, só uma delas era a Paulinha. E é a tia Paula para mim, mas é logo quem tem como segundo nome.

- Assim como a Mana é a Giovaninha pra Vó Preta, - minha bisavó, mãe de minha mãe, que é minha avó, mas deixemos aqui claro que mãe sempre será aquela quem nos cria. - mas isso eu já sei. A gente tava falando de outra coisa que eu nem lembro mais, a senhora lembra?

- contei de quando tu era pequena chamava teu pai de Ninho e a vó dizia “Que ninho guria? Ninho é de passarinho?” - ela perguntou

- Contou.

- E de quando tu era bebezinho ainda e só dormia na barriga do teu pai?

- Sim. Ponho água pra aquecer para fazer o arroz ou não? A senhora acha que isso aqui de batata tá bom?

- Coloca, e põe um pouco mais, a água da térmica tem pouca já.

Vai cuia, volta cuia, acaba o mate, ronca a bomba. Comida no fogo, sentadas nos olhamos, alguém fica concentrada em mais alguma coisa. Fofocas sobre o condomínio, fala do acontece para o lado da minha vó, conversa sobre a família (fofoca sobre a família, “mas quem sou eu pra dizer isso”).

- Vamo para o Cassino? - eu digo, esperando pela reação que já até sei qual.

- Com que dinheiro?

- Vamo pra tia Ligia então, ver as areias brancas de Rosário. Hein o que acha?

- A Ligia até paga a minha passagem de volta, ela disse.

- Eu vou entrar de férias e vem o carnaval...

- Isso me lembrou de um carnaval, quando as tuas tias e a tua mãe eram pequenas, eu já tava com o teu pai. Foi ali no Sesi, mas bem antes de ser o Sesi que tu conheceu. Como a gente se divertiu, as gurias então nem se fala. Caiu uma chuvarada naquele dia, daquelas de lavar a alma, todo mundo se divertindo, aí o telhado do ginásio caiu por causa da chuva. E tu acha que a gente parou? Não, a gente seguiu.

“Era água pra tudo que era lado, mas tava tão bom, ninguém se machucou. Sabe que mesmo não tendo muitas condições, de ter luxos, a infância das gurias foi boa e eu me divertia junto com elas. Não tinha muito dinheiro, no que fosse de graça eu levava elas; já foram em muitos showmício, a Tica enrolada na bandeira do PT, logo quando começou, praça, essas coisas...”

O zumbido da campainha corta a frase, nos olhamos, quem apertou a campainha é de casa, logo foi tentando abrir a porta. Nos olhamos de novo, agora quem de nós vai abrir a porta? Ninguém se mexe, a campainha toca de novo, mais um olhar e eu levanto. Vou até lá, giro a chave, entra a Tia Paula acalorada. Ela me cumprimenta com um beijo no rosto, passa pela sala e chega na cozinha fazendo o mesmo com a mãe.

- Como ‘tão?

- Bem e tu?...

Amigo

Issabelle Vitor Pim

Podia ser qualquer uma das duas estações, o inverno chuvoso ou o verão escaldante, que eu estava lá, indo ao encontro dele. Religiosamente cumpria meu compromisso, não poderia faltar-lhe. Ia, passava a linha do trem, a praça da cidade e também a minha escola, para onde iria horas depois, até que lá eu chegava, e o via, lindo como sempre, me aguardando com a mesma expectativa que eu o esperava. E de braços abertos me acolhia, alentava e acalmava. Lá eu encontrava o amor que conhecia e o que eu achava que era a felicidade. Com ele eu podia ser eu, ser eu e ser menina, sem serviço, sem obrigação.

Mas eu não poderia esquecer o que me levava lá, um motivo muito menos nobre e mais chato que o amor, a lavagem das roupas da semana. Uma vez por semana eu desempenhava mais uma de minhas funções da casa, a mais prazerosa delas, o serviço que me porporcionava um encontro com a alegria.

Então eu ia, andava o que com meus passos miúdos parecia ser uma grande distância, certamente mais do que uma criança poderia percorrer. Ia bem cedinho, para aproveitar o sol e o tempo com meu querido. E quando lá chegava não me distraía da função que me levava lá, pois a responsabilidade era algo que as meninas adquiriam, ou eram forçadas a ter, desde muito cedo. E apesar dos chamados calorosos e das súplicas do meu amado, eu sempre lembrava-me da frase de minha mãe:

- Primeiro a obrigação, depois a diversão!

Vejam, com 9 anos eu tinha um autocontrole que muitos adultos hoje não têm. Mas eram outros tempos, hoje o meu grande amigo, se fosse humano, estaria com certeza no CTI. Estou melhor que ele.

O meu serviço não era fácil, então eu o fazia bem rápido para aproveitar o tempo de diversão. Molhava, ensaboava, lavava, molhava, ensaboava, lavava, quarava. E, enquanto o sol cumpria a sua função no processo eu sabia que era chegado o meu momento, o nosso momento.

Quando com ele me encontrava não era mais a mesma, a mesma filha do meio, sem pai, sem biscoito, sem boneca. Lá eu era feliz. Brincava de tudo que era possível a partir da minha frágil imaginação. E eu tinha ajuda, as pedras brincavam conosco. Um dia, uma delas teve a ideia de fazer-se de trampolim para que eu pudesse saltar. E lá eu tinha coragem, lá eu não era a menina das pernas finas, do cabelo ralo, das roupas feias, lá eu pularia. E pulava. Depois daquele dia eu não saía dos nossos encontros sem usufruir do meu trampolim particular, algumas vezes.

Quando ele me olhava eu o olhava de volta. Não abaixava a cabeça, não me sentia menor, não desviava o olhar. Fora dali o medo me consumia, minhas pernas, finas, não aguentavam o peso de tudo que eu carregava. Meu

subconsciente, ou as várias vozes que me disseram a vida toda que eu não podia, não conseguia, não aguentaria ecoavam na minha cabeça.

- Faz medo, faz medo !

Mas com ele eu tinha coragem, era diferente, era criança. Com ele eu vivi momentos de felicidade, entre as obrigações que me aguardavam. É, fazíamos uma bela dupla, eu e o rio Mundaú.

Os jogos que marcaram a minha história

Jéssica Vitória Pinto Robledo

Era mais um verão predominantemente quente, o ano era 1971, no município de Bagé, os pássaros cantavam, o pôr do sol amanhecia. Cresci no bairro de Santa Teresa, um dos locais mais conhecidos pela fabricação de charque na fábrica.

Comecei mais um dia entregando os leites, comecei a trabalhar de leiteiro logo após ter parado de estudar, para ajudar nas despesas de casa.

Os meus pais trabalham no frigorífico na parte das charqueadas, eu e os meus irmãos éramos onze filhos no total.

Alguns dos meus irmãos ainda estudam, mas tive que parar na quarta série, porque precisava trabalhar.

Logo no começo do dia, consegui cumprir a minha tarefa de entregar todos os leites. Só tinha mais uma tarefa a cumprir que era de buscar água para os animais, em seguida fui com os meus irmãos para irmos buscar, porque não tínhamos água encanada, sempre quando terminava as

minhas funções o meu irmão chegava a mim e falava para jogarmos uma partida de futebol entre irmãos.

Os jogos eram um dos momentos que eu mais gostava no meu dia, repleto de risos e diversões. Saía de lá cheio de esperança de um dia conseguir jogar no Teresinha juvenil em Bagé.

A chegada dos finais de semanas era um dos momentos mais esperados da semana, o tão esperado final de semana chegou e a nossa casa se enchia de vida. Os meus pais sempre estavam de folga, sábado e domingo, a mãe começava a preparar o almoço como uma tradição em família, porque as minhas irmãs sempre a ajudavam, às vezes o almoço era um carreteiro, com salada.

Enquanto isso, o meu pai encilhava os cavalos ou ajudava os meus irmãos na horta que tínhamos em casa. Todos achávamos uma função para realizar, até a minha mãe nos gritar da cozinha de casa.

Após meia hora a minha mãe disse:

- O almoço está pronto, venham logo se não esfriará a comida.

Íamos rápidos e ao entrarmos sentíamos o cheiro da comida caseira que invadia toda a casa. Nos servíamos o almoço que sempre estava em uma panela de ferro, nos reuníamos e para agradecer os alimentos, o pai dizia “amém” ao final da oração.

Domingo à tarde, começávamos a nos preparar para irmos assistir aos jogos, o meu sonho sempre foi começar a treinar no Teresinha Futebol Clube, eu não perdia uma partida, a cada partida eu tinha mais certeza do que desejava, que eu queria ser membro do time. Todos os jogos eram repletos de risos, famílias reunidas, alguns torcedores chegavam com camisetas com a cor dos times de futebol, cadeiras e chimarrões

para assistir às partidas, os momentos de entretenimento eram os jogos e as famílias reunidas.

O jogo foi emocionante, o time Teresinha ganhou mais uma partida, eu e os meus irmãos voltávamos para a casa felizes e com um sentimento de euforia.

Lembro-me de ser uma terça-feira, o meu pai falou com o técnico do Teresinha Juvenil, ele disse procurar jogadores para completar o time, mas teriam que fazer alguns testes.

O meu pai chegou em mim e disse:

- Meu filho, amanhã tu irás fazer o teste para o Teresinha Juvenil.

Os meus olhos brilhavam, parecia que eu ganhava um prêmio, uma alegria brotou no meu peito, eu sabia que esse era o meu momento de mostrar o que eu mais gostava de fazer, que era jogar futebol.

Acordei logo cedo, para distribuir os leites, cheguei em casa e o meu pai disse:

- Já está pronto?

Respondi:

- Sim, pai.

Chegamos lá, começou o treino, no final do treino ficaria sabendo se iria ser aprovado ou não.

O técnico chegou e disse:

- Parabéns, Nico, está no time.

Voltei para casa feliz, com brilho nos olhos de tanta emoção, uma alegria descomunal.

Comecei a treinar todas as terças e quintas pelo time, mas nas horas vagas treinava sozinho ou com os meus irmãos.

Em uma tarde treino, o técnico chamou-me para conversar e disse:

- Ando-te a observar nos jogos, tu já estás preparado para mudar de time e ir para o Teresinha com os adultos, já faz três anos que tu treinas conosco.

Eu prontamente disse:

- Vou, sim, já estou preparado.

Comecei a treinar com o novo time, chegou o grande dia de jogar no campeonato bageense, os times que iriam jogar eram chamados pelos nomes dos bairros Hulha Negra, Candiota e Aceguá, dentre outros que faziam parte do município de Bagé e estavam presentes nesse campeonato.

Ficamos na segunda colocação, reuniram-se vários torcedores dos times rivais, lá avistei uma moça que torcia para o time rival, ela não era muito alta, magra e com os cabelos ondulados, queria saber quem ela era, mas não sabia onde descobriria mais sobre ela.

No final do campeonato precisava comentar com alguém sobre essa moça desconhecida, na volta para casa com o meu irmão, comentei com o Miguel, disse-me que sabia quem era ela, que trabalhava com o irmão dela e que poderia apresentar-me.

Sem sombras de dúvidas, disse para ele:

- Quero muito conhecê-la.

Em uma quinta-feira, que era mais um dia de treino, o meu irmão chegou acompanhado com o irmão dela e ela. Ele apresentou-me eles.

Fui apresentado a eles, comecei a puxar assunto, ela disse ter me visto jogando no último jogo, eu já estava encantado por ela, começamos a conversar por uns meses quando eu a via no trem nas idas para os treinos, às vezes ficava a pensar se iria encontrá-la ou não.

Após uns períodos jogando no Teresinha, recebi

uma proposta para jogar no time que ela torcia, aceitei sem saber se daria certo ou não, e realmente deu certo. Comecei a treinar pelo time, e vê-la com mais frequência.

Eu já estava apaixonado por ela, tomei a decisão de pedi-la em namoro, ela aceitou.

Começamos a namorar, conheci o pai dela e os irmãos, depois de um ano e meio decidimos casar, começamos os preparativos para o casamento, o número de convidados, as escolhas dos docinhos, bolo, dentre outras coisas que precisam ser escolhidas para a festa.

Enfim, casamos, passaram-se uns anos e ela seguiu-me acompanhando nos jogos, tivemos duas filhas e quando elas cresceram conservei as tradições dos jogos em Santa Tereza.

Após uns bons anos, ganhei netos que comecei a levá-los para assistir às partidas nos fins de ano onde eu jogava, consegui conservar essa tradição em família.

Por meio dos jogos, conheci a minha esposa, que, hoje, temos cinquenta anos de casados, conservar as tradições em família é reviver momentos especiais que constituem a minha história.

Organizadores

Taiza da Hora Fonseca é professora formada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino da mesma instituição e faz parte do PHERA - Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos da Unipampa - Campus Bagé. Tem como interesse de pesquisa: História da Educação, Gênero, Sexualidade e Identidade.

Vera Lúcia Cardoso Medeiros é professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Atua no curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa e no Programa de Pós-graduação em Ensino de Línguas. É Doutora (2003) e Mestre (1995) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 2021, realiza pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), desenvolvendo a pesquisa "Didática da literatura no Brasil?

uma cartografia a partir da perspectiva docente". É professora orientadora do subprojeto Língua Portuguesa do Programa Residência Pedagógica da Unipampa no período 2022-2024. Principais temas de pesquisa: Didática da Literatura no Brasil; Ensino de Literatura Brasileira; Formação inicial e continuada de professoras/professores de Letras; Produção Literária no Município de Bagé/RS; Clarice Lispector.

Alessandro Carvalho Bica é Diretor do Campus Bagé da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) - Gestão 2021-2025. É Doutor em Educação (2014) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Mestre em Educação (2006) e Licenciado em História (1997) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Professor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) na área de Educação; Docente Permanente no Programa Pós-graduação em Ensino (PPGE/Unipampa/Bagé). Líder do PHERA - Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos da Unipampa, Campus Bagé e Coordenador do Projeto de pesquisa e extensão "**Repositório Digital TATU**". Defensor da educação pública, gratuita, inclusiva que pretende construir uma sociedade igualitária, democrática, laica, inclusiva, não violenta, antirracista, antiLGBTfobia, antissexista, anticapacitista, e engajada no combate da discriminação de gênero, raça, etnia, religião ou orientação sexual.

Sobre as autoras

Bianca Mendonça Rubilar é formada no Magistério (Curso Normal), professora de Educação Infantil, discente do Curso de Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Pampa. Tem como interesse de pesquisa: História da Educação e Culturas, Bibliografias e Pesquisa Documental.

Eduarda Cunha Gazen Manzke é graduanda em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa. Bolsista do programa PET - Letras e voluntária no Núcleo de Formação do Leitor Literário, ambos da UNIPAMPA. Tem interesse na pesquisa sobre literatura e memória, nos estudos comparatistas e na produção literária contemporânea brasileira. Natural de Bagé/RS, onde reside e escreve.

Ester Mariceli Alves é técnica em Informática pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense e graduanda em Letras - Português e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa. Participou do projeto de extensão sobre literatura afro-brasileira "Literatura tem cor?" (2022) da UNIPAMPA - Campus Bagé. Tem interesse de pesquisa nas áreas de estudos linguísticos e literatura queer.

Flávia Machado Franco é graduanda em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa, participa de vários projetos como NULI (Núcleo de Formação do Leitor Literário) e PET - Letras. Tem interesse na área de literatura fantástica e na valorização de fanfics como gênero.

Gabriéli Ritta Oliveira é formada em Letras Português e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa. Tem como interesse de pesquisa: Literatura brasileira, Alta fantasia, Fantástico.

Iasmin Soares Trindade é graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua pela Universidade Federal do Pampa, bolsista do programa de bolsas PIBID, voluntário do projeto de extensão Núcleo de Formação do Leitor Literário, participou do projeto de extensão de literatura afro-brasileira "Literatura tem cor?" da UNIPAMPA - Campus Bagé. Tem interesse de pesquisa na área de

literatura, principalmente em literatura negra, fantasia e terror.

Isabelle Vitor Pim é graduanda em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa. Bolsista do programa Simplifica realizado pela Prefeitura Municipal de Bagé, no Rio Grande do Sul. Estudante empenhada em pesquisar literatura brasileira, em especial a produção literária do início do século XX, período em que se iniciou o processo de modernização brasileira, mais especificamente do Rio de Janeiro, momento que corresponde à Belle Époque carioca.

Jéssica Vitória Pinto Robledo é graduanda em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa e faz parte do PIBID - Programa Institucional de Bolsa à iniciação a Docência, PET Letras - O Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Letras e NULI - Núcleo de formação do leitor literário - Campus Bagé. Tem interesse na área de estudos de variações linguísticas e literatura.

*Não, não é fácil escrever. É duro como
quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas
como aços espelhados.*

Clarice Lispector,
em A hora da Estrela

Obra vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa e produzida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior através de Bolsa DS-CAPES.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

NOSSAS RAÍZES CONTAM HISTÓRIAS

Este livro é resultado da prática de Estágio de Docência Orientada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, no curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé. A turma de quarto semestre participou de discussões acerca do conceito de Memória e Memórias Literárias, a partir dos conceitos expostos, foram desafiados a escrever memórias familiares, uma escrita sensível a partir da escuta de histórias de família, transpondo-as em texto. Resultando, dessa maneira, em oito narrativas apresentadas neste volume. Aqui vocês encontrarão histórias e lembranças escritas por oito jovens mulheres que se dispuseram a vasculhar as suas próprias memórias. Lá reencontraram-se com partes - retalhos - do que hoje são, transformadas em histórias e lembranças de outros tempos que demarcam o lugar social da mulher, a resiliência e perseverança em busca dos sonhos, marcas de diversas regionalidades, as relações de mãe, avó e filha, aspectos culturais, sociais, de gênero e classe. Tais narrativas se tocam em pontos em comum: a sensibilidade das escritoras em ouvir histórias da família e transformá-las de forma poética em texto.

Taiza da Hora Fonseca